

Resenha

MACHADO, Cacilda. *A trama das vontades, negros, pardos e brancos na produção da hierarquia social do Brasil escravista*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, 218 p.

São José dos Pinhais (Séculos XVIII e XIX): peculiaridades de uma pequena cidade escravocrata no Paraná

*Ênio José da Costa Brito**

“A ascensão social e o encobrimento do desdouro da escravidão que freqüentemente a acompanhava desempenhavam um papel de enorme importância, como um elemento elástico capaz de reproduzir e multiplicar as hierarquias existentes.”
Márcio de Sousa Soares (2009, p. 278)

Em “*A trama das vontades, negros, pardos e brancos na produção da hierarquia social do Brasil escravista*”, Cacilda Machado descortina para seus futuros leitores as peculiaridades da escravidão no Paraná. Elege São José dos Pinhais como centro de uma meticulosa pesquisa que tem nas listas nominativas de 1782, 1803 e 1827 seu fio condutor.

Gradualmente, adentra na estrutura dessa comunidade marcadamente rural do século XIX, mostrando sua realidade social, econômica e demográfica. Desvela a onipresença da escravidão contaminando as relações sociais dessa sociedade, composta por um segmento massivo de agregados, pardos, escravos e poucos senhores. A permanente tensão vivida por esses agentes retrata a diuturna luta de homens e mulheres para deixarem para trás o estigma da escravidão, empregando diversas estratégias, como constituir família, tecer laços de compadrio e negociar para ascender na hierarquia social. Estratégias que acabavam acentuando e produzindo diferenças no seio das próprias comunidades.

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião. Correspondência para/Correspondence to: Ênio J. Brito, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, PUC-SP, Rua Ministro de Godói, 969, 4º andar, Perdizes, CEP 05014901, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: <brbrito@uol.com.br>.

Para Silvia Lara, “a partir da segunda metade do século XVIII, não era apenas a escravidão, mas a presença cada vez maior da massa de homens e mulheres, negros e mulatos, livres e libertos, que impactava e tensionava as relações sociais e políticas na sociedade colonial” (Lara apud Machado, 2008, p. 22). Ideia acolhida e visualizada pela autora ao acompanhar inúmeras histórias pessoais desses agentes sociais do planalto paranaense.

O livro é uma versão modificada da tese de Doutorado defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Seis capítulos, organicamente articulados, mostram “as relações de poder que reproduziam uma ordem estamental e escravista em um locus em que eram precários os elementos que costumam caracterizar tal ordenamento” (p. 15).

São José dos Pinhais: sua gente e suas práticas sociais

Duas eram as atividades marcantes nas terras meridionais da capitania de São Paulo, ocupadas efetivamente a partir de 1570 e 1580, a criatória e a extração de ouro. No rastro do ouro surgiram os núcleos populacionais dando origem às povoações de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (Curitiba) e São José e Bom Jesus dos Perdões (São José dos Pinhais).

O declínio da economia aurífera no século XVIII levou os moradores a intensificar a produção de alimentos e a criação de gado. A região de Campos Gerais tornou-se uma área de criação e de invernagem de animais, favorecendo a colonização dos sertões (Campo de Guarapuava e mais tarde Campo das Palmas). Gradualmente, a erva mate ganhou importância e já na segunda metade do século XIX tornou-se a maior riqueza da Província.

O núcleo urbano de Curitiba se consolidou de tal modo que se tornou sede da comarca em 1812 e em 1822 já era a segunda maior vila da capitania paulista. A colonização do Paraná se insere na história da expansão paulista, que desde os seus primórdios contou com cativos negros e índios (Carijó e Coroado). “Nesse contexto, cativos de origens e histórias muito heterogêneas eram reunidos num mesmo plantel, passando a conviver cotidianamente, respondendo a um mesmo senhor, dividindo as tarefas da labuta diária” (p.38). Uma das características marcantes do processo colonizador do Paraná foi a sua ligação com o conjunto sócio-econômico mercantil da Metrópole.

No planalto paranaense, São José dos Pinhais desde cedo ocupou um lugar de destaque, sendo elevado à categoria de vila, em 1852. As listas nominativas de 1782, 1802 e 1827 revelam ser a presença de escravos pequena e disseminada entre vários proprietários. Essa “desconcentração” na posse de cativos não era indicativa de frouxidão na estrutura hierárquica da sociedade, mas sim da dinâmica de suas relações políticas internas. Para Machado, “porque a escravidão torna a posse de cativos o elemento crucial de diferenciação social, a hierarquização dos livres seria ainda mais marcante em áreas ou períodos em que os escravos formassem um grupo com pouca representatividade percentual” (p. 49).

As listas nominativas confirmam os estudos que apontam para a presença de três classes fundamentais nas regiões rurais do Centro-Sul, a saber, a família senhorial, os agregados e os escravos. Era grande a presença de agregados na região, sua presença nos domicílios constituía força de trabalho complementar tanto para senhores quanto para homens livres pobres. Homens e mulheres pobres tinham mais dificuldade para atrair os agregados. Para muitos agregados, a perda da autonomia era o preço pago para obter uma condição de vida melhor. Vistos como gente de menor “qualidade”, equivaliam aos escravos; alguns poucos conseguiam ascender socialmente ao adquirir pequenas posses ou minifúndios.

Além de agregados e escravos, alguns domicílios da região contam com a presença dos parentes não nucleares ou expostos, vistos ora como filhos, ora como agregados. Essa composição deixa transparecer a presença de padrões de não compartimento (Frederick Barth apud Machado, 2008, p. 59); a mentalidade escravista disseminada mesmo entre a população de cor e inusitadas formas de estratégias sociais, como a presença de agregados, expostos, e parentes, nos domicílios, para ganhar status. No fundo, estamos diante de práticas patriarcalistas, geradoras de poder político, de maior produtividade agrícola e atuação no mercado.

O conceito de “família patriarcal”, “domicílio patriarcal”, tão discutido na historiografia brasileira, por ser genérico demais não pode ser aplicado indistintamente em qualquer região. Na visão de Machado, no entanto, os dados colhidos na pesquisa apontam para “o caráter patriarcal das relações estabelecidas entre homens e mulheres livres dos diferentes estratos sociais”, em

São José dos Pinhais (p. 76), mostrando que essas práticas patriarcalistas não eram puramente miméticas de valores presentes nas camadas sociais mais altas.

Um complexo sistema relacional

Em seguida, a autora pergunta pelo lugar social de escravos, de negros e pardos livres na vila de São José dos Pinhais na passagem para o século XIX. Ao definir o peso percentual do grupo na população, mapear sua composição sexo-etária e a presença dessa população nos muitos sítios e poucas fazendas, surpreende-se com os dados obtidos que fornecem subsídios para a compreensão das relações entre os diversos grupos e destes com os senhores.

No exame da cor do conjunto da população paranaense, constatou-se um predomínio de pardos tanto na população cativa quanto na livre. Atribuía-se aos nascidos no lugar a cor parda e aos estrangeiros a cor negra..

O preenchimento das Listas Nominativas de São José dos Pinhais deixa transparecer certo padrão; os negros eram listados primeiro, seguidos dos pardos; os homens precediam as mulheres e os mais velhos os mais jovens. Os senhores, em especial os pequenos, respeitavam as ligações familiares, pois dependiam da reprodução endógena de seus cativos, dado que confirma a importância da família nessa sociedade.

A pesquisa desvelou uma prática senhorial presente nos pequenos plantéis, a de transferir escravos ainda crianças ou jovens para os seus descendentes. O mais importante para a autora, “é que a manutenção da posse de famílias cativas era em muitos casos a própria condição de constituição e manutenção de famílias escravistas” (p. 105).

Os senhores apoiavam de preferência as uniões de seus escravos com cativas, aproveitando assim todo o potencial reprodutivo do seu plantel. No entanto, a análise dos dados sobre o casamento de cativos, em São José dos Pinhais, detectou um alto índice de casamentos mistos, na contra-mão do que desejavam os senhores. Fato revelador da autonomia dos escravos.

Expressividade demográfica de pardos e negros livres

Na passagem do século XVIII para o XIX constata-se uma ampla presença de não brancos na população livre. Entre os agregados, por exemplo, as mulheres pardas eram maioria, muitas vezes vivendo e criando os filhos sem o cônjuge, fato que se repetia em outras regiões do Brasil colônia. Em São José dos Pinhais, entre os agregados, os não brancos predominavam e poucos eram os idosos. Agregavam-se pardos e negros livres casados com escravas do domicílio, famílias, crianças e jovens.

Pergunta a autora: é possível constatar entre o grupo de agregados diferenças de status social? Resposta nada simples, devido aos muitos aspectos que a avaliação dos agregados levava em conta. Os senhores, ora viam os agregados como familiares, ora, como escravos. As Listas Nominativas indicam primeiro a família, seguida dos agregados. Em geral, a cor parda ou negra do agregado acentuava sua “menor qualidade”.

Na realidade, “trata-se de um locus social onde uma escravidão ‘rarefeita’ não impedia ou até impulsionava uma prática reiterativa (portanto estrutural) que contribuía para a reprodução de uma hierarquia fundada na escravidão” (p. 121).

Um dos sinais de autonomia adquirida por pardos e negros em São José dos Pinhais se faz presente na constituição e manutenção de domicílios autônomos, apesar de toda pressão social, na posse de cativos, na cooptação de agregados e parentes não nucleares em seus domicílios.

Alguns não brancos tornaram-se minifundiários, um trunfo para a ascensão social. A produção agrícola dos domicílios chefiados por pardos e negros livres, com dificuldade gerava alguns excedentes, o que acontecia nos chefiados por brancos.

Como explicar o predomínio dos não brancos entre os agregados? A explicação da constituição e reprodução da rede de dependência passava pela identificação senhorial, pela composição sexo-etária dos livres de cor, pela cor da família, pela maior ou menor presença de cativos do lugar. “Portanto, cor, símbolos da condição senhorial, relações familiares, instrução e poderio eram articulados, utilizados e aceitos como marcas distintivas da condição social diferenciada” (p. 135-136).

Uniões mistas e compadrio

A tarefa assumida pelo corpo eclesiástico colonial de inserir toda a população colonial no seio da Cristandade demandava tempo. Os dados mostram que, em 1830, a Igreja tinha alcançado um relativo controle das uniões matrimoniais da população livre de cor em São José dos Pinhais. Casamentos mistos do ponto de vista da cor eram poucos. Alguns desses casamentos possibilitaram a integração dos migrantes na sociedade escravista. O casamento com uma pessoa livre ou liberta não levava automaticamente à alforria, mas podia beneficiar, e o casamento com um escravo podia levar a pessoa a uma escravidão informal.

Com relação às histórias pessoais analisadas, diz a autora, “[elas] apresentam indícios da vigência de um determinado tipo de relacionamento político construído e reproduzido pelos diferentes grupos, todos eles informados por um mesmo contexto (escravista), cada um, porém, buscando alcançar ou consolidar interesses distintos, muitos provavelmente conflitantes” (p. 170-171). Estamos diante de estratégias socialmente disponíveis para conquistar e preservar a liberdade, estratégias que acabavam por reproduzir as hierarquias sociais.

Um tema muito presente nos estudos das sociedades escravistas é o do compadrio. Tema complexo, pois não aponta só para relações de solidariedade, como também desvela o seu caráter hierárquico e dominador. Raramente, os senhores apadrinhavam; no entanto, encontram-se muito padrinhos aparentados com os senhores, sinal claro da presença de estratégias escravas.

Gerar aliança entre as famílias de cativos e administrados, formar e consolidar comunidades de escravos e livres de cor e estabelecer laços sociais com a sociedade branca foram funções desempenhadas pelo compadrio, em São José dos Pinhais. “Tudo indica que, no Brasil escravista, o parentesco ritual foi decisivo no processo de produção e reprodução de uma hierarquia caracterizada pela ambigüidade, pois, permitia a vigência da familiaridade sem deixar de marcar a distância social” (p. 199).

Pontuações

A trama das vontades mostra com precisão cirúrgica que em São José dos Pinhais, lócus social de “escravidão rarefeita”, as práticas patriarcalistas se faziam presentes em todos os níveis sociais, conjuntamente, com a resistência escrava, comprovando o quanto a mentalidade escravocrata havia entranhado no tecido social e a resistência escrava era endêmica.

Ao rastrear nas listas nominativas de 1872, 1803 e 1827 dados que permitissem analisar estas dinâmicas, a obra desvela refinados mecanismos do funcionamento dessa sociedade escravista. Machado partilha com seus leitores as constatações realizadas ao longo de suas análises: a tão falada “elasticidade da escravidão brasileira”, presente na possibilidade de ascensão social, era muito reduzida em São José dos Pinhais; a manutenção do status senhorial ou da hierarquia patriarcal não se dava sem a contribuição dos escravos pardos e negros e dos libertos; a transferência da propriedade cativa era pautada por uma lógica própria, entre os senhores de poucos recursos que buscavam, também, a todo custo, incorporar pessoas livres ao cativeiro; o status social dos negros e pardos livres era fruto de uma diuturna luta cotidiana; as práticas sociais escravistas como os matrimônios mistos revelam o grau de autonomia dos escravos; a presença do compadrio, do parentesco ritual formulava e consolidava laços na comunidade sem contudo eliminar a distância social. Enfim, em São José dos Pinhais as relações de poder, o dinamismo hierárquico social e a luta pela liberdade se expressavam de diversos modos.

A perspectiva analítica presente no momento certo, leva o leitor a esquecer a aridez dos dados colhidos pela autora nas listas nominativas e mergulhar na vida cotidiana de homens e mulheres do planalto paranaense. *A Trama das Vontades* é um antídoto contra modelos globalizantes, que aplainam rugosidades e encobrem diferenças. Sem perder de vista a inserção de São José dos Pinhais no mercado internacional, Machado realiza uma análise visceral das relações de dependência e resistência presentes nessa sociedade escravista. Leitura desafiadora, mas capaz de dar corpo, alma e vida aos habitantes de São José dos Pinhais.

Referência bibliográfica

SOARES, Márcio de Sousa. *A remissão do cativo, a dádiva da alforria e o governo dos escravos nos Campos de Goitacases, c. 1750 - c. 1830*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

Recebido em 02/03/2010, aprovado para publicação em 15/09/2010.